

# Mário de Sá-Carneiro – A queda

E eu que sou o rei de toda esta incoerência,  
Eu próprio turbilhão, anseio por fixá-la  
E giro até partir... Mas tudo me resvala  
Em bruma e sonolência.

Se acaso em minhas mãos fica um pedaço d'ouro,  
Volve-se logo falso... ao longe o arremesso...  
Eu morro de desdém em frente dum tesouro,  
Morro à míngua, de excesso.

Alteio-me na cor à força de quebranto,  
Estendo os braços d'alma – e nem um espasmo venço!...  
Peneiro-me na sombra – em nada me condenso...  
Agonias de luz eu vibro ainda entanto.

Não me pude vencer, mas posso-me esmagar,  
– Vencer às vezes é o mesmo que tombar –  
E como inda sou luz, num grande retrocesso,  
Em raivas ideais, ascendo até ao fim:  
Olho do alto o gelo, ao gelo me arremesso...

. . . . .

Tombei...  
E fico só esmagado sobre mim!...

**Mário de Sá-Carneiro, Dispersão**